

Brasil perde pioneiro da pesquisa em Comunicação Social

José Marques de Melo *

Pioneiro da pesquisa sobre Comunicação Social no Brasil, Luiz Beltrão de Andrade Lima faleceu em Brasília, no dia 24 de outubro de 1986, aos 68 anos de idade, legando às novas gerações uma obra científica de projeção internacional.

Beltrão nasceu em Olinda (PE), a 8 de agosto de 1918, diplomando-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco.

Sua grande paixão foi contudo o Jornalismo, atividade profissional que iniciou em 1936, como repórter do *Diário de Pernambuco*, prosseguindo-a na *Folha da Manhã* (do Recife), onde atuou durante 17 anos, vindo a exercer o cargo de secretário de redação. Trabalhou também como correspondente da *Agência France Press* em Pernambuco e como editor da revista *Capibaribe*. Presidiu, durante 6 anos, a Associação de Imprensa de Pernambuco, e foi fundador do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Recife. Participou ativamente do movimento sindical dos jornalistas, chegando a ocupar os cargos de Vice-Presidente da Federação Nacional dos Jornalistas e de Presidente da União Católica Latino-Americana de Imprensa.

Iniciou-se na literatura em 1950, com a publicação da novela *Os Senhores do Mundo* (Prêmio Oton Bezerra de Melo, da Academia Pernambucana de Letras). Mas em 1959 ele revela uma outra dimensão da sua atividade intelectual: a de pesquisador científico. É agraciado no Rio de Janeiro com o Prêmio Orlando Dantas, atribuído pelo *Diário de Notícias* ao seu ensaio "Iniciação à Filosofia do Jornalismo", trabalho de sistematização teórica das manifestações jornalísticas e de reflexão crítica sobre os caracteres e os agentes do Jornalismo.

* Professor e Chefe do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP. Editor Responsável da *Revista Brasileira de Comunicação*.

A partir da década de 60, reduz sensivelmente sua militância jornalística como profissional e sindicalista, passando a se dedicar à vida acadêmica. Funda em 1960 o Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, onde implantou um projeto pedagógico inovador, associando à formação dos futuros jornalistas o exercício da pesquisa científica sobre os fenômenos da comunicação coletiva. Cria, então, o Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM), primeiro centro brasileiro de pesquisa universitária sobre comunicação social, e lança a revista *Comunicações & Problema*, primeira publicação acadêmica da área.

Seu trabalho renovador obtém repercussão imediata no país e no exterior. Ele orienta e participa da criação de cursos de Jornalismo em universidades da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. É convidado também para transmitir suas experiências pedagógicas em nível latino-americano, inaugurando a cátedra de "Metodologia do Ensino de Técnica de Jornal" no Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina, instituição mantida em Quito (Equador) pela UNESCO e pela OEA.

Transferiu-se para o Distrito Federal em 1965, a convite da Universidade de Brasília, onde implantou a primeira Faculdade de Comunicação do país, concretizando projeto originalmente elaborado por Pompeu de Souza. Dirige a Faculdade no seu primeiro biênio e intensifica o trabalho de pesquisa iniciado no Recife, atraindo pesquisadores nacionais e estrangeiros para participar das atividades de pós-graduação ali iniciadas.

Em 1967, Beltrão defende sua tese de doutoramento: *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. Esse trabalho é recebido com entusiasmo por personalidades como Umberto Eco, Juan Beneyto, Raymond Nixon, Luiz Ramiro Benetrán, sendo considerada a principal contribuição brasileira para a Teoria da Comunicação. As pesquisas realizadas por Beltrão no Nordeste Brasileiro reforçam a hipótese do "two-step-flow", realçando o papel dos "opinion leaders" como agentes de interação entre os sistemas de "mass media" e de "folk media", principalmente nas regiões rurais.

Afastado da Universidade de Brasília, por motivos políticos, durante o Governo Costa e Silva, Luiz Beltrão é convidado a trabalhar na Fundação Nacional do Índio (FUNAI), onde coordena um programa de pesquisas sobre a imagem do índio na imprensa brasileira. Posteriormente, é contratado pelo CEUB — Centro de Estudos Universitários de Brasília — onde dirige um núcleo de pesquisas e pós-graduação em comunicação social até 1984, quando se aposenta e decide retirar-se das atividades docentes.

Optou, nessa ocasião, por se dedicar principalmente à ficção e ao memorialismo, escrevendo crônicas, contos e novelas, e participando das sessões da Academia Brasileira de Letras, a cujo quadro pertencência há mais de dez anos. Vitimado por derrame cerebral, em 1985, enfrenta corajosamente a enfermidade, retomando inclusive a produção intelectual (chegou a concluir, com a ajuda de amigos e familiares, um livro de crônicas e um texto acadêmico).

Deixa uma obra constituída por 20 livros, além de inúmeros ensaios, artigos, crônicas e reportagens publicados no país e no exterior.

Ficou inédito um volume de memórias da sua infância em Olinda e inacabado um livro de ficção — *Contos de Olinda e Olanda*. Seus mais importantes trabalhos científicos são os seguintes: *Iniciação à Filosofia do Jornalismo* (Rio, Agir, 1960), *Métodos en la Enseñanza de la Técnica del Periodismo* (Quito, Ciespal, 1963), *Comunicação e Folclore* (São Paulo, Melhoramentos, 1971), *Sociedade de massa: comunicação & literatura* (Petrópolis, Vozes, 1972), *O Índio, um mito brasileiro* (Petrópolis, Vozes, 1977) e *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados* (1980).